



Histórias de vida e o Vera

Estudo e brincadeira unidos



Glinis Rodrigues Lisboa

Professora especialista (Inglês)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Glinis começou a trabalhar no Vera em 1984.
Ela se despediu da Escola em 2016.

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

Uma casinha na praça

Sempre tive uma relação forte com língua, sempre gostei muito de viajar. Estudei num colégio francês e, desde pequena, já estudava francês e inglês, por isso fui estudar letras na PUC. Comecei a trabalhar cedo, com 18, 19 anos numa escola em Higienópolis. Casei e fui morar em Alto de Pinheiros. Um dia, estava passando e vi “Inglês Vera Cruz” numa casinha pequena, na praça [Profa. Emília Barbosa Lima]. Deixei meu currículo, assim como deixei também no [Colégio] Santa Cruz. Trabalhei nos dois, mas me identifiquei muito com o Vera.

Comecei como professora das crianças menores, trabalhava com Maria Helena [Galli de Menezes Senna]. Gostei muito, porque era um método de inglês bem diferenciado, uma coisa gostosa, alegre, com muita música, rimas, histórias. A gente era um grupo, tanto de professores, como de crianças, muito chegado. Fazia uma dinâmica gostosa, uma coisa meio caseira.

Quando tive a minha primeira filha, saí do Santa e fiquei só no Vera. Comecei a trabalhar com a parte da 5ª série, à tarde, mas sempre com essa relação muito gostosa com os alunos. A gente estudava bastante música, cantava, partia muito do interesse deles. Mesmo com a Direção, Lucília [Bechara,

fundadora], dona Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora], era muito gostoso, porque elas iam, às vezes, às reuniões e nos conheciam pelo nome, perguntavam dos filhos; um ambiente de trabalho impecável. Fiquei 32 anos no Vera.

Um jeito diferente de aprender

Logo no começo, durante bons anos, era uma coisa muito próxima [a relação] professor/aluno, e mesmo professor/orientador, professor/coordenador. Acho que todo mundo ganhava com isso, os alunos, a gente. Era um método que saía muito do conhecimento do aluno, do interesse do aluno, e isso era incomum naquela época. Naquela época, era uma coisa mais padrão. No Vera, não, a criança tinha muito *input*, a gente tentava falar o máximo possível em inglês em sala de aula, com muita brincadeira. Os alunos usavam aquele conteúdo que a gente tinha visto durante o ano, e a gente montava as peças. A parte oral, de pronúncia, foi sempre muito trabalhada, e isso era um grande diferencial. Cheguei a dar aula em uma escola de idiomas, e era completamente diferente, mais padrão, com mais livro.

No Vera, o aluno que precisasse de ajuda ficava trabalhando por um tempo. Eles colocavam o nome na lista de atendimento,

e você os chamava individualmente. Era o TP [Trabalho Pessoal]. Quem não precisasse podia trabalhar em seu próprio tempo. O TP sempre era a parte escrita do que você já tinha trabalhado oralmente. Eles sempre estavam um passo atrás do que se tinha feito oralmente. Primeiro, o aluno tinha toda a exposição oral, a gente trabalhava muito diálogos, rimas e repetições, depois, a gente começava a trabalhar a parte escrita.

A gente trabalhava muito as histórias também. As crianças ficavam memorizando aqueles trechos grandes das histórias, e depois era fácil, porque ela fazia a transferência naturalmente para outras situações, porque assimilava aquilo. Às vezes, de uma forma muito espontânea. Era um método diferenciado, muito especial, muito gostoso de trabalhar, tanto para a gente como para o aluno.

O material didático era criado na Escola, nas reuniões de toda sexta-feira. Era um diferencial enorme da Escola. A gente trabalhava de segunda a quinta com os alunos, e sexta era um dia só para reuniões, para dar um atendimento mais individual para o aluno, das 13h00 às 14h00 ou das 13h15 às 14h15, mas depois era só a reunião. Nos primeiros 10, 15 anos, a gente criava muito material. Nessas reuniões, a gente tinha essa liberdade de sentar com quem estava no mesmo nível que você e criava

o material, o jogo, a carta enigmática. Era muito incomum você ter essa liberdade numa escola.

A gente ia mexendo [no material], era sempre uma coisa muito móvel e que dava resultados excelentes, porque era essa coisa personalizada. Eram grupos de 12, 13 alunos logo no início, depois ia aumentando, mas a gente conhecia o aluno muito bem.

Brincando de Drama Festival

Sempre gostei muito de música, então, nas peças que eu montava com os alunos, a gente sempre usou muita música, não necessariamente em inglês; a gente colocava música em português se tivesse a ver com o tema. A gente sempre brincou muito. Isso sempre ajudou a envolver as crianças. Era um trabalho que fluía com facilidade. Quando chegava no fim, todos os 12, 13, 14 alunos sabiam a peça de cabo a rabo. Se faltasse alguém, outro até poderia substituir, porque a repetição era muito intensa, e eles também já tinham interiorizado o vocabulário. Os alunos gostavam muito de fazer a peça do final do ano, de apresentá-la para os pais. Quando a gente começou, era naquela casinha. A gente convidava os pais, e cada grupo apresentava ou para outros alunos, ou para os

pais. Aí, foi tomando uma dimensão maior, lógico. A Escola cresceu, a gente foi para aquele prédio maior, eram mais alunos, mais turmas. Aí, faziam em teatros, teatro da USP, da Cetesb..., foi crescendo. Hoje em dia, encontro vários alunos que: "Ai, a tal peça, ai, a tal música, ai...". Ficou uma memória, um *link* muito forte. Acho que esse *link* também foi forte no começo, porque, depois de 20, 25 anos que eu estava no Vera, a Escola foi crescendo, foi crescendo, e as coisas foram ficando diferentes. Acho que perdeu um pouquinho daquela coisa caseira, de colo. Trocou-se isso por outras coisas. A gente tinha uma relação pessoal, tão *homemade*, feita em casa. Ótimas lembranças!

Quando encontro um ex-aluno, é muito mais fácil ele se lembrar de mim do que eu dele, porque foram muitos. "Ai, Glinis, você me deu aula." Às vezes, lembro, mas é mais fácil eles se lembrarem de mim. Mas sempre: "Ai, o teatro!"; "As músicas!"; "A gente cantava tanto!". E é a pura verdade, a gente cantava muito. A música foi um *link* muito forte que criei com eles. Eu gostava muito de cantar, de jogar, era bem lúdico. Sabe esse lugar que você vai trabalhar e diz: "Que delícia, vou sair de casa, vou encontrar minhas amigas, vamos conversar, o café é bom". Era tão gostoso, durante muitos anos, com as mesmas pessoas. Convívio até maior do que com a própria família.

Me lembro, num dos atendimentos a alunos, que eu estava ensinando os dias da semana. Ele tinha muita dificuldade de aprender os dias da semana. Ele veio para o atendimento e, no final, escreveu os dias da semana todos errados, todos, mas na sequência certa. Ainda me lembro que falei para ele: “Olha, que bom! Você acertou a sequência dos dias”. Sempre tentar pegar o lado positivo. Depois, você até vai rever, mas você sempre puxa primeiro pelo lado positivo. Isso foi uma coisa que aprendi no Vera. Muito. E as garotas têm isso, quando vejo elas lidando com as crianças.

Reading

Na 5ª e 6ª série, eles já liam livros. Você dizia: “Pra próxima aula, você lê capítulo dois ou três”. Íamos fazendo atividades paralelas. “Não tem importância que você não entenda tudo, pegue a ideia geral.” Aí, chegava na sala de aula e a gente fazia alguma atividade relacionada para garantir a compreensão, tentar que o aluno fosse lendo sozinho. Aos poucos, a gente jogava o aluno para frente, garantindo aquela compreensão. É uma das características do Vera: um entende mais, um entende menos, um consegue mais, um consegue menos, mas, no final, todo mundo chegava lá relativamente igual. As crianças têm habilidades diferentes. A gente sempre respeitou isso e tentava que

todos chegassem lá de formas diferentes. Às vezes, por caminhos diferentes, mas chegava todo mundo mais ou menos no mesmo nível, para prosseguir para o próximo passo.

Trabalho e família

Minhas sobrinhas foram minhas alunas, mas tinha problema, me chamavam de tia, até os alunos brincavam: “Ah, tia... Ah, tia!”. Minhas filhas, Manuela e Camila, não foram minhas alunas, mas dei aula para muitos amigos delas. E não foi um grande problema para elas, que administravam superbem. Uma vez, Manuela falou: “Fulano disse que você não é legal, e eu respondi pra ele: ‘Ah, nossa, pra mim, ela é muito legal’”. Para elas, foi supertranquilo.

Reconheço o Vera nelas pela parte humana da Escola, do respeito. Sempre teve essa coisa de respeitar, de evitar abordagens que não fossem corretas, e vejo isso nelas muito forte, muito forte. Manu, que já têm dois filhos, vejo também nessa relação. O jeito que ela conversa, que ela tenta guiar para o que acha que é correto, de forma respeitosa. Acho que isso veio muito da Escola. Saber ouvir, ter paciência, não criticar o errado, admitir que errou: “Vamos conversar, vamos tentar acertar”. Isso era uma coisa do Vera.

As duas trabalham com inglês. Manuela é advogada e faz funções e aquisições empresariais, quase tudo em inglês. As duas moraram fora, estudaram na Columbia, em Nova York. Então, o inglês do Vera foi ótimo para elas. Eu não tenho muita vivência com escola bilíngue, não sei como funciona, mas o inglês que o Vera ofereceu para os meus sobrinhos, com os quais eu convivo, e para as minhas filhas foi suficiente para a vida profissional deles. Lógico, depois foram fazer coisas fora, cursos especializados, mas foi muito bom.

Naquela época, tinha muitos pais aqui da região. Tem pais que eu convivo até hoje, saio às vezes, porque a gente tinha essa relação, ia criando uma afinidade grande. Era a mesma escola, lugares que a gente frequentava. Como mãe, eu achava uma delícia os pais serem escutados, e como professora também; tinha a Orientação que fazia esse filtro, mas, quando os pais tinham acesso a você, as reuniões eram boas, havia uma troca, aquilo lá era mais próximo.

Você conhecia os pais de quase todos os alunos. Se encontrasse na calçada, chegando ou na saída, aquele pai conversava com você. Hoje em dia, não sei mais se é assim, porque cresceu demais. Mas era uma relação gostosa, que rolava com facilidade.

Incentivo à formação

Eu mesma, durante uma época, ia fazer curso de *brush up*, para dar uma atualizada. Todas nós fomos, pelo menos uma vez, para a Inglaterra. Quando a gente fazia esses cursos, a gente trazia as atividades, as novidades... Todo ano, pelo menos uma ou duas professoras estavam indo durante um período. Era excelente, porque sempre tinha as novidades que a gente trazia de fora, bem frescas, sempre tentando adaptar para a forma que a gente trabalhava, com muita oralidade, tudo muito lúdico. Às vezes, íamos a congressos pelo Vera, que sempre incentivou essa atualização do professor.

Nas reuniões às sextas-feiras, a gente lia temas que extrapolavam o Inglês, voltados à educação, era uma formação educacional. Isso era excelente, agregava muito até para a vida pessoal da gente. Sempre foi muito interessante, muito. Uma vez por semestre, quando a gente tinha teatro, ia alguém da área de teatro para fazer um *warm up*, estimular a gente, ensinar, fornecer atividades que a gente podia fazer dentro da sala de aula, como estímulo aos alunos para começarem a se envolver no processo teatral. A gente sempre teve muito apoio nesses aspectos. Quando aparecia alguma proposta nova... mas aí chegou na tecnologia e eu falei: "Não". Juntou

meu cansaço físico com tecnologia. As garotas já não estavam mais no Vera, já tinham saído...

Saber a hora de ir

No final, eu estava exaurida, porque a sala de aula é o fermento do bolo. E é você que vai resolver, naquele momento, o que aconteceu. Isso drena muita energia. Nos últimos anos, eu já estava cansada. Percebi que já não estava mais rendendo como eu queria e também não estava mais me identificando tanto, porque, como eu falei, era uma paixão, adorava. Ir trabalhar era uma delícia, as pessoas eram uma delícia, o lugar era uma delícia, as crianças eram ótimas, a dinâmica toda era gostosa, mas também todo mundo cresce, as coisas vão mudando e tal.

Acho que já podia ter terminado uns dois anos antes. A sala de aula é muito cansativa, e tinha a função dos boletins, aquele monte de boletins que você tinha que escrever. Você tem que ter muita energia, até física.

A tecnologia foi entrando, a gente foi acompanhando. Não sou uma pessoa tecnológica, não faz parte da minha geração. A gente foi acompanhando conforme deu. As [professoras] mais

novas usavam mais tecnologia, tinham mais conhecimento, muito mais facilidade do que a minha geração. Essa também foi uma questão, porque eu já não tinha tanto interesse nessa parte de tecnologia. Eu gostava, acho, mais do *tête-à-tête* com o aluno. A tecnologia também foi um determinante para eu falar: "Não é isso". Fui no básico da tecnologia, não vestia a camisa e, hoje em dia, as crianças têm domínio total.

A vida sem o Vera

Eu ia ser avó, aí falei: "Chegou minha vez". Parei. Falo com algumas professoras ainda, é bem gostoso. Sempre falei: para quem gosta de trabalhar com educação, de trabalhar com criança, o Vera era maravilhoso, porque você tinha todo esse envolvimento, o ambiente de trabalho era bom, os alunos eram bacanas, era uma coisa bem afetuosa.

Convidei uma amiga minha para a gente comprar uma franquía da Casa do Pão de Queijo. Gosto muito de me relacionar com as pessoas, de conversar, e sou muito fácil nessa parte de sociabilidade. Estava até achando até muito gostoso, a gente não precisava ir toda hora. Tinha alguém que tomava conta, mas, aí, veio a pandemia. Aí, saí.

Hoje em dia, eu estudo francês, gosto de esporte, jogo tênis, faço academia, ajudo meus netos. Estou com uma vida bem mais tranquila. Viajo bastante. A gente pode curtir um pouco agora. Adoro ficar com os meus netos, ajudo as garotas bastante com as crianças.

Com a escola, você aprende a se relacionar com pessoas diferentes. Trabalhar com educação para mim foi muito bom, também porque eu trabalhei meio período. Eu podia fazer atividades com Manuela e Camila de manhã. Levava-as para a Escola comigo e depois trazia de volta. Isso também foi maravilhoso, porque eu sabia que elas estavam em boas mãos.

Ficaram ótimas lembranças, tanto dos alunos, como do pessoal com quem eu trabalhava. Lógico que também teve a parte mais complicada, mas, no cômputo geral, as lembranças boas são muito maiores e melhores. Foi muito bom.





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

